

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEP. DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**RELATÓRIO FINAL DE CURSO**

**TÍTULO:**

***“Uma história na sala de aula”.*  
Eduardo Galdino da Silva.**

**Campina Grande, 12 /12/ 1997.**

**Universidade Federal da Paraíba**  
**Centro de Humanidades**  
**Departamento de História e Geografia**  
**Disciplina: Prática de Ensino em História 1997.2**  
**Coordenadora da Prática: Eronides Câmara Donato**  
**Professor Orientador: José Benjamin Montenegro**  
**Aluno: Eduardo Galdino da Silva Mat.: 93.13441-9**

**Relatório de final de curso.**

*“Uma história na sala de aula”*



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

**“Fazer o que seja é inútil.  
Não fazer nada é inútil.  
Mas entre fazer e não fazer  
Mais vale o inútil do fazer”.**

**João Cabral de Melo Neto.**



## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho, que simboliza minha passagem por esta universidade, principalmente aos meus pais, Bartolomeu e Valdete Galdino da Silva, que me deram a força e a tranquilidade necessárias para a conclusão de mais uma etapa em minha vida. Também dedico aos meus irmãos Ricardo, Humberto e Cecinha; por fim, dedico a Maria Cecília Patrício, colega desde a matrícula, amiga desde as primeiras aulas, companheira de todo o curso e minha namorada.

## **AGRADECIMENTOS**

Nesta minha passagem na universidade, muitas pessoas contribuíram na “formação” de mais um profissional de História; listar todos seria um longo exercício de memória e ainda assim faltariam nomes. Aí vão os que me lembro ( perdoe-me os ausentes) :

Os colegas Clóvis Alberto, Rogério Cabral, Cleide Erice, Robervânia Santiago, Elizeuda Buriti, José Welitom, Cilene Silva, Cícero Agra, Lourdinha, Assunção, Fábio Ranieri...

A todos os professores, em especial a José Benjamim Montenegro (orientador da prática), Fábio Gutemberg, Celso Gestermeier, Eduardo Guimarães e Glória de Fátima Araújo.

Aos funcionários do DHG, SEDHIR e do LABEHG, e em especial a Paulo do NELL.

A direção da Escola Estadual Severino Cabral, aos alunos das turmas noturnas da 8a. série e do 1o. ano, e a professora regente de História Maria Dalva Soares.

Também agradeço a Genilson e Genilda Paulino da Silva, além de todos os membros oficiais e colaboradores do DIVA.

## **ÍNDICE**

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>01</b>
<b>A PRÁTICA DE ENSINO DO PROFISSIONAL DE HISTÓRIA (Pequeno retrato da educação brasileira)</b>	<b>02</b>
<b>PRÁTICA DE ENSINO: A EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA</b>	<b>10</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>13</b>
<b>PARECER DO ORIENTADOR</b>	<b>31</b>



## **APRESENTAÇÃO**

“Uma história na sala de aula” é um trabalho de final de curso que reflete muito do professor iniciante, dos primeiros contatos com o cotidiano escolar; fruto da experiência desenvolvida nos últimos quatro meses na condição de professor ( na rede particular ) e de estagiário na escola pública a partir da Prática de ensino.

Ao longo das próximas páginas se tentará discutir a prática de ensino do profissional de História nas escolas de 1o. e 2o. graus, com todas as alegrias e tristezas que permeia o dia-a-dia do professor no “mercado de trabalho”. Ainda se verá um depoimento da nossa experiência em sala de aula fruto da Prática de Ensino na Escola Severino Cabral.

Senão tudo, muito do que se vê neste pequeno trabalho está permeado de sinceridade, de uma honesta luta por dias melhores na educação brasileira.



## A PRÁTICA DE ENSINO DO PROFISSIONAL DE HISTÓRIA (Pequeno retrato de Educação brasileira)

**“Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo é a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento”.**

**Paulo Reglus Neves Freire.**

Ao terminar o curso de Licenciatura em História, o profissional feliz com sua “formação”, ciente do afunilamento que fez parte desde as primeiras letras ( que o torna um privilegiado), e mais ainda se estudou numa universidade pública e gratuita, nesses tempos de privatização. Essa caminhada o fez refletir acerca dos tortuosos caminhos que a educação brasileira trilhou nessas últimas décadas, produzindo uma educação para poucos, com pouca qualidade e também poucas perspectivas.

Ainda assim, esse recém-formado profissional espera de alguma forma contribuir para que o quadro da mediocridade educacional brasileira seja redefinida nos próximos anos. “Mas essa esperança não é muito radical?” Perguntara um velho professor deglutido pelos vícios da educação brasileira. O jovem professor respondera: “Na minha inquietude de jovem e na esperança de mudar este quadro, eu não posso ter outra perspectiva”. E na tentativa de convencer o cético professor, o jovem cita as palavras de um esperançoso professor:

*“Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança.”*

(FREIRE.1996:80)

Ao ouvir estas fortes e inquietantes palavras, o velho professor, deglutido ficou a analisá-las, pensativo, já se desfilando do ceticismo e quase a engrossar as fileiras dos esperançosos do pensar e do agir.



Nesta discussão entre o ceticismo e a esperança, o jovem professor se insere no “mercado de trabalho” chamado também de ensino secundário. Nesta inserção, ele se vê numa escola pública estadual e numa particular; como todo aquele universo é novo ( já que a sua formação é bastante teórica e minimamente discutida a prática pedagógica - mesmo se tratando de um curso de Licenciatura ), ele vai com sua já mencionada inquietude, observando os comentários desagradáveis dos professores sobre a excessiva carga horária, o inexpressivo salário... ele ainda observa a siseudez dos professores ao entrar na sala de aula etc. etc. etc. Aquele mundo causa estranhas reações ao jovem que chega com um enorme pique, mas encontra o desânimo entre os novos colegas de trabalho. Mas ele não se deixa abalar.

Ao voltar à escola, procura a direção, já que inexistente uma supervisão pedagógica para o orientar na feição do seu planejamento ( pois na sua “formação acadêmica” encontra-se mais essa lacuna ), aí ele descobre mais uma novidade: “Nesta escola nós não utilizamos o planejamento!”, exclamou o diretor. Extremamente surpreendido ele questiona: “Por que não?”. O diretor volta a surpreender: “O planejamento não passa de mais uma atividade burocrática que a Secretaria da Educação insiste em nos cobrar”. O jovem professor ainda mais surpreso e agora boquiaberto insiste numa discussão para mostrar ao diretor a importância de uma ação planejada em contraposição ao espontaneísmo; e no meio desse debate ele faz a seguinte leitura:

*“ O planejamento educacional torna-se necessário, tendo em vista as finalidades da educação; mesmo porque, é o instrumento básico para que todo o processo educacional desenvolva a sua ação, num todo unificado, integrando todos os recursos e direcionando toda a ação educativa. É o planejamento educacional que estabelece as finalidades da educação, a partir de uma filosofia de valores educacionais. Somente com a elaboração do planejamento se pode estabelecer o que se deve realizar para que essas finalidades possam ser atingidas, e ver como podemos pôr em ação todos os recursos e meios para atingir os objetivos a que se propõe a educação.”(MENEGOLLA & SANTANA. 1996: 31)*

O diretor ouve com atenção o tom quase inflamado que o jovem professor profere a leitura, e faz o seguinte comentário: “Você tem esse discurso porque você saiu ainda agora da universidade... você ainda não entrou no esquema do dia-a-dia, no corre-corre entre o corredor e a sala de aula, entre um colégio e outro. Com o passar do tempo você vai ver que eu estou com a razão, o planejamento é pura burocracia!”.

O jovem professor preferiu não acreditar no que escutara, e mesmo com suas limitações, decidiu planejar suas ações pedagógicas ainda que a escola oficialmente não as utilize. Nesse mesmo dia decidiu ter a mesma conversa com a direção da outra escola, que também iria desenvolver suas habilidades de professor. Ao chegar à escola, o diretor ainda não se encontrava e ele tentou se socializar com os futuros colegas procurando conversar sobre a atividade do professor naquela escola pública. Entre um tema e outro surgiu



o assunto “planejamento de ensino”, e ao inquirir sobre a utilização ouviu o seguinte comentário de um experiente professor: “Nesta escola, o diretor é um pouco duro, ele nos obriga que façamos um plano de ensino e que seja entregue no começo do ano. A gente faz pra cumprir tabela, já que ele nos obriga, mas a gente cumpre se quiser, sabe?”.

O jovem titubou e pensou: “Será que o planejamento é uma miragem na educação brasileira?, é possível lecionar, desenvolver atividades sem planejar?”. Chegou a ficar triste quanto a sua relação de diferença frente aos colegas... pensou em desistir... mas chegou a sua mente ecos de umas palavras aqui já mencionadas: “*há uma relação entre a alegria necessária a atividade educativa e a esperança*”. Aí o jovem sorriu, encheu os pulmões de ar e decidiu continuar com a sua luta ( ainda inicial ) de buscar uma educação cheia de alegria e repleta de esperança.

Ao voltar para a sua casa àquela noite, o jovem professor ainda refletiu acerca daquelas cenas desagradáveis que presenciara, quando tentou convencer seus colegas e superiores sobre a importância do planejamento de ensino. Chegou a se indagar sobre o que vira: “Numa escola não se planeja, e na outra se planeja para as gavetas dos burocratas. Que triste realidade!”.

No outro dia e nos seguintes, o jovem professor encarou a sala de aula com o pique de outrora, discutindo com os alunos, permitindo-lhes o direito a liberdade, a participação efetiva e dialogada, tentando dar um dinamismo às aulas com a utilização de vários recursos didáticos, dando sons e cores às aulas que antes tinha apenas o branco do giz, o verde do quadro e o monólogo do professor. Na busca desse dinamismo, o jovem professor não ousa repousar nas páginas coloridas dos manuais didáticos - apesar de reconhecer a sua importância - ele busca novas informações, ele procura, discute, pesquisa.

E entre uma pesquisa e outra ele lembra dos seus tempos de universidade ( ainda frescos na memória ), quando se discutia a dicotomia existente nas duas habilitações do curso - Licenciatura e Bacharelado - quando ouvia da boca de alguns dos seus mestres, pérolas como: “O bacharelado prepara para a atividade do pesquisador, enquanto a licenciatura para a sala de aula”. Ao lembrar de passagens como esta, ele reflete sobre sua “formação” de licenciado, mas também se recorda de uma outra passagem:

*“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que - fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, repercurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.” (FREIRE. 1996: 32)*

Ao refletir sobre as palavras do saudoso mestre, o jovem professor se indaga sobre a dicotomia licenciatura/bacharelado, e se questiona: “Por que não a fusão das duas habilitações para uma melhor formação profissional?”. Do jeito que está, o profissional sai incapacitado para as atribuições de um



bom professor. Isto é, sem falar nas falhas existentes em cada uma das habilitações ( o que não são poucas ).

No meio das indagações, o jovem professor continua sua pesquisa para o aprimoramento das suas aulas a serem ministradas. Ao chegar a escola pública para mais uma jornada de trabalho, foi informado que não haveria aula para a realização de uma reunião de rotina, em que iria se discutir sobre o andamento da I unidade escolar.

Ao entrar na sala de reuniões, notou a ausência de inúmeros professores, e os poucos presentes não cansavam de olhar para o relógio de parede, como que numa prece para que os ponteiros atingissem a velocidade do saudoso Senna. Iniciada a reunião pelo diretor ( que já foi chamado de “um pouco duro”), não tardou um quarto de hora para se transformar em uma versão tupiniquim do “muro das lamentações”. Ouvia-se murmúrios de todos os lados e direções, que o nosso jovem professor chegou a tontear, suar e franzir a testa como disfarce. Entre as tantas reclamações, podíamos ouvir: “Não há condição de se fazer um bom trabalho aqui, os alunos não querem nada! só querem saber da nota. Durante as aulas é um barulho só, ninguém presta atenção! Eu encho o quadro de assuntos duas, três vezes por aula e ninguém copia, é um abuso, um verdadeiro absurdo !!!”. Exclamou uma professora enquanto se descabelava. Já outro com menos violência disse: “Eu faço a minha parte, cumprio todo o currículo que a secretaria exige, se eles ( os alunos ) não querem estudar, o problema é deles, como eu disse, eu faço a minha parte”.

No meio daquele festival de reclamações ( repleto de coerência na visão dos reclamantes ), o nosso jovem professor quis voltar a discutir sobre a importância do planejamento, mas a força dos ponteiros foi maior, e a “reunião” acabara como começara, sem propor mudanças, ao menos discutir os problemas. E o dia seguinte os esperava com a mesma tristeza, a mesma alegria.

Ao retomar suas atividades se vê mergulhado no chamado corre-corre do cotidiano escolar: elaboração de trabalhos, provas, correção, publicação de notas... pesquisa bibliográfica, iconográfica, planejamento de aulas, entre outras. E dentro deste caldeirão das atividades escolares, o jovem professor ainda procura tempo para se fazer uma leitura agradável, ir ao cinema, se deixar informado acerca das notícias mais importantes. Encontra uma certa dificuldade na aquisição de seu último livro ( ainda muito caro no Brasil), mas com muita habilidade, além de comprar ainda consegue alugar aquela fita de vídeo que julga importante na discussão que está tendo na disciplina de História do Brasil no 3o. ano do ensino médio.

Na busca da informação, o jovem professor escuta no jornal matinal daquela rádio local, que há uma enorme possibilidade de eclodir uma greve entre os professores da rede particular de ensino. E durante a reportagem, o líder sindical da categoria convida todos os professores para uma assembléia no ginásio de um clube da cidade. O nosso jovem professor escuta com



atenção, e ao fazer um sinal com a cabeça, confirma sua presença na mencionada assembléia.

Ao chegar à assembléia confere com os ponteiros, quinze horas, estava próxima do começo. Ouvindo o convite pelos auto-falantes os professores presentes se aproximam do líder sindical, que os saúdam e começa com o discurso em tom agressivo. Por longos quarenta e cinco minutos se escuta o sindicalista, que em linhas gerais disse o seguinte: “O nosso salário é uma miséria, nós ganhamos menos que trabalhadores sem qualificação acadêmica. Devemos nos unir para lutar contra esses donos de escola que só pensam no lucro, e educação não rima com lucro. Nós merecemos respeito e dignidade, e a dignidade só vai começar com um salário digno. Avante companheiros, a greve é o único caminho!”. Após as palavras eufóricas, a assembléia incendia e decide pela greve como o caminho pela dignidade da categoria.

O jovem professor inserido naquela atmosfera incendiada, ainda pensou: “Em nenhum momento ele falou na qualidade do ensino de uma forma geral. Será que só o aumento do salário irá resolver os problemas da educação brasileira? É certo que os salários são irrisórios, mas afinal de contas qual será a nossa luta?”.

Ao chegar em casa ainda atordoado, sentou-se e abriu um livro que tinha uma passagem sublinhada que dizia assim:

*“ A luta dos professores em defesa dos seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte. O combate em favor da dignidade da prática docente é tão parte dela mesma quanto dela faz parte o respeito que o professor deve ter à identidade do educando; a sua pessoa, a seu direito de ser”. (FREIRE. 1996: 74)*

Daí, o jovem professor ficou a pensar na sua arma de luta, a greve: “Será o caminho mais indicado?. A greve já funcionou em outros tempos, e agora? Professores universitários ficaram em greve por seis meses e nada conseguiram! E a comunidade escolar não fica ainda mais prejudicada? Não teríamos outros instrumentos senão a greve?”. Passa alguns minutos em silêncio, respira com muita calma, vira a página e lê:

*“...Que os órgãos de classe deveriam priorizar o empenho de formação permanente dos quadros do magistério como tarefa altamente política e repensar a eficácia das greves. A questão que se coloca, obviamente, não é parar de lutar mas, reconhecendo-se que a luta é uma categoria histórica, reinventar a forma também histórica de lutar.”(FREIRE. 1996: 75-76)*

Ao refletir acerca da greve da sua categoria, o jovem lembrou dos movimentos grevistas que tinha notícia quando ainda era estudante secundarista. Grande participação dos sindicalizados, manifestação de rua que produziam ecos na imprensa e resultados imediatos. Hoje não se ecôa na esquina mais próxima do sindicato, e quando ecôa são as vozes da rua recriando o movimento.



Realmente, os tempos mudaram, os movimentos sociais não mais são observados com os olhos de outrora, de quem luta por algo importante para a sociedade como um todo, e não apenas para a sua categoria. Os professores ao longo das últimas décadas passaram por um processo de desgaste que o colocaram na posição de vilões da mediocridade do ensino brasileiro, de responsáveis diretos pelo que aí está.

Ao pensar acerca da categoria que se vê inserido, o jovem professor se indaga quanto a culpabilidade dos seus pares com relação a educação brasileira. E a primeira imagem que aparece em sua mente fora da assembléia que participara ainda naquele dia. Uma assembléia esvaziada, sem uma discussão séria sobre os rumos da categoria, sem se discutir a qualidade do ensino, o processo ensino/aprendizagem, o aparelhamento das escolas, entre outros importantes pontos ausentes na discussão. Não seriam estes motivos do desgaste da categoria e da sua luta por dias melhores? A sociedade se vê na categoria? O jovem professor ao sair da assembléia escutou dois populares entre um gole e outro de cerveja: “- Se todo mundo que reclamasse de baixo salário entrasse em greve, o Brasil vivia parado. - É isso, eu sei que os professores ganham pouco, mas quem é que ganha muito?”.

E refletindo acerca das palavras dos populares que ouvira naquela tarde, o jovem professor fez uma micro-análise da sua situação de profissional recém-formado, e também recém-ingresso no cotidiano escolar. Se deixou ausentar do compromisso firmado com a sua consciência de lutar por uma educação pública, democrática e de qualidade; e se situou enquanto profissional qualificado com o nível superior no Brasil, um país de capitalismo selvagem, extremamente excludente: “Como construir o meu futuro numa profissão tão mal remunerada, sem o respeito dos educandos e da sociedade?”. Passou-se alguns minutos e ele se viu como o cético professor que fruto da sua argüição cheia de esperança e alegria o fez tremer no seu ceticismo.

Lembrou da escola pública em que leciona no turno da noite, no sorriso cansado dos jovens trabalhadores que chegam à sala de aula ainda dispostos a lutar por melhores dias. Este quadro o fez refletir acerca do enorme desafio que o encontra na luta pela cidadania plena dos seus educandos e da importância de ser o “professor de História”. Aquele professor que é procurado para discutir os temas da atualidade ( Movimento dos Sem-Terra, Eleições, Pacote econômico...) com uma frequência maior que os outros colegas das demais disciplinas.

Dessa forma, o professor de História está mais próximo, relacionado com os polêmicos temas sociais em voga no Brasil, tendo de fazer pontes, às vezes viadutos com as discussões da disciplina, com o cuidado de não ser etnocêntrico, de não formar “opiniões verdadeiras”, mas sim de estar sintonizado com a formação da cidadania, com este compromisso ético e político, esquivando-se do vazio de ser “neutro”.

Ao se engajar no compromisso de uma educação para a cidadania, o jovem professor se lembra do depoimento do saudoso pedagogo:



*“Outro saber que devo trazer comigo e que tem que ver com quase todos os de que tenho falado é de que não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco. Como impossível seria sairmos na chuva expostos totalmente a ela, sem defesas, e não nos molhar. Não posso ser professor sem me por diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente”. (FREIRE. 1996: 108)*

O jovem professor sentiu uma certa felicidade ao refletir sobre o depoimento do pedagogo Paulo Freire, que ao escrever estas palavras tinha 75 anos e ainda buscava uma melhor educação para o povo brasileiro, com a mesma alegria e esperança, a mesma luta e obstinação dos anos 50, 60, quando teve de abandonar o país fruto de sua luta. E não será os percalços do presente que irá afastar aqueles professores realmente comprometidos com a educação brasileira.

Aliado aos reais percalços como o desrespeito por parte dos governos e governantes, da não participação ativa da comunidade ( pais, professores, funcionários e alunos ) nas atividades escolares, dos irrisórios salários pagos aos professores, das formações deficientes nas nossas universidades, ainda se pode produzir uma séria e competente educação. Bons exemplos pipocam no imenso território brasileiro, pena que a regra é a mediocridade, é o pacto da inexistência.

Professores descompromissados, proprietários de escolas que as administram com a mesma lógica do lucro que a de um supermercado; educação voltada para o vestibular; a eterna crítica da indústria lucrativa dos livros didáticos; escolas mal equipadas; universidades isoladas como “ilhas do conhecimento”, produzindo para as estantes ( quando produzem), entre as inúmeras outras problemáticas que seriam infundáveis.

A educação brasileira há anos na U.T.I., já não morreu nessa seara de incompetência, descompromisso e percalços, graças a pessoas que mesmo mergulhadas neste oceano nada saudável, ainda não foram contaminadas, e lutam como o “saudosos pedagogo” lutou uma vida inteira e no caso deste pequeno texto, da personagem fictícia do “jovem professor” que ainda no começo da carreira já pensou em desistir, mas também reluta em continuar lutando por uma educação permeada de alegria e esperança.

## **Referência Bibliográfica**

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 ( Coleção Leitura)

MENEGOLLA, Maximiliano. SANTANA, Ilza Martins. Por que planejar? Como planejar?. Petrópolis: Vozes, 1996.



## PRÁTICA DE ENSINO: A EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

### **“ O homem coletivo sente a necessidade de lutar” Chico Science.**

Eu diria que a disciplina de Prática de Ensino começou para mim um pouco mais cedo, no semestre passado (1997-1), com a disciplina Metodologia do Ensino de História, quando com a companhia do professor José Benjamin Montenegro e do colega José Welitom ( Bigode) travamos inúmeras metodológicas na perspectiva de produzirmos aulas de história mais interessantes, com mais qualidade, dando cores e sons ao tradicionalismo e enfadonhismo. A disciplina partiu de uma perspectiva:

*“Se vamos abandonar o ‘tradicional’ e partir para algo ‘novo’ se dará a partir de toda uma postura metodológica (...) e não por uma preocupação com um modismo de estar sempre atualizando”. (PACHECO & Outros. 1987: 31)*

Nesta disciplina de Metodologia, eu digo que fui o principal beneficiado pois, nunca havia encarado uma sala de aula, ao contrário dos dois já mencionados, com largas experiências e com profundas indagações, questionamentos, encaminhamentos na relação ensino/aprendizagem no tocante a História.

No atual semestre ( 1997-2) vi toda essa discussão continuar e se ampliar a partir de novas experiências, da professora Eronides C. Donato (Nilda) e das colegas Suênia Borges e Edjane Dias.

Ainda posso mencionar que neste semestre encarei um grande desafio, na companhia de Maria Cecília Patrício, fui chamado a assumir quatro turmas do ensino fundamental e médio a convite da colega Rúbia Michelline. Ao aceitar o convite, me vi mergulhado no cotidiano do ensino secundário, com todos os vícios e virtudes, alegrias e tristezas.

Por essa via, eu chegara a sala de aula na condição de professor, ainda em meio às discussões teóricas da disciplina de Prática de Ensino e da minha presença no Projeto de pesquisa “O planejamento de ensino na escola pública de 1o.e 2o. graus em Campina Grande”, na condição de pesquisador bolsista, sob a orientação da professora Glória de Fátima Araújo (D.E.).

Foi um passo importante pois, fruto da minha formação acadêmica e ética, eu estava no laboratório em que não poderia haver experimentos duvidosos; estava havendo um contato entre pessoas, na perspectiva da aprendizagem e na trilha da cidadania.

Quando dentro da disciplina Prática de Ensino decidimos ir ao campo de estágio (neste semestre a Escola Estadual de 1o. e 2o. graus Severino Cabral), eu já tinha uma certa “prática” pelo fato de já estar a quatro meses lecionando; o que me ajudou no tocante ao relacionamento com os alunos, ao

chamado “medo da primeira aula” e outros tantos mitos disseminados na universidade.

A nossa recepção na mencionada escola foi digna de menção por nossa parte, desde o primeiro dia os seus diretores, os professores Ronaldo, Santana e Rosemeire, além da professora regente da disciplina de História Maria Dalva Soares, nos deu a máxima tranquilidade para desenvolver-mos essa etapa final do nosso curso.

Fruto das discussões realizadas na disciplina Metodologia, o meu orientador, Professor José Benjamin Montenegro me ajudou no possível para desenvolver-mos aulas interessantes e estimuladas para os alunos do Severino Cabral. Devido ao calendário extremamente curto - fomos ao campo de estágio próximo ao final do ano letivo - e dos contratempos, para nós, como suspensão de aula para organização da Feira de Ciências, impossibilidade da utilização de recursos como televisor e vídeo ( com a aula já planejada), jogo amistoso da seleção brasileira de futebol, entre outros.

Ainda assim, achei extremamente válida mais essa experiência em minha vida. No pouco tempo que estive em contato com as turmas da 8a. série do ensino fundamental e do 1o. ano médio, duas turmas noturnas, deu para gestar uma boa relação entre o professor e o estagiário e as numerosas turmas.

Nesse pequeno espaço de tempo, ainda podemos destruir alguns mitos, como o da sonolência/não participação dos alunos dos cursos noturnos, em sua maioria trabalhadores, na construção das aulas, que também já fora mencionado pelo colega Clóvis Alberto V. de Melo na sua prática de ensino (1997-1). Basta que os toquem com temas provocantes, problematizantes, próximos da sua realidade, que se verá estudantes inquietos, participantes com o uso do seu vocabulário, de sua sintaxe, contribuindo ao seu modo na construção do conhecimento e na prática democrática do debate de idéias.

A prática de ensino no semestre 1997-2, apesar de curta, foi bastante interessante, proveitosa na perspectiva de se discutir entre os três formandos e os seus orientadores além da coordenadora da prática, as dificuldades enfrentadas, o crescimento visível ao longo das aulas e a interação das alegrias vivenciadas principalmente no processo avaliativo, onde observamos um bom rendimento por parte dos alunos, o que nos deixa um pouco envaidecidos com esta nossa pequena experiência.



## **Referência Bibliográfica**

PACHECO, Vavy & Outros. O ensino de História (Revisão urgente). São Paulo: Brasiliense, 1987.

# **ANEXOS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO EM HISTÓRIA  
COORDENADORA DA PRÁTICA: ERONIDES CÂMARA DONATO  
PROFESSOR ORIENTADOR: JOSÉ BENJAMIN MONTENEGRO  
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: EDUARDO GALDINO DA SILVA**

## **PLANEJAMENTO DE ENSINO**

**ESTABELECIMENTO: ESCOLA ESTADUAL DE 1o. E 2o. GRAUS  
SEVERINO CABRAL  
DISCIPLINA: HISTÓRIA TURNO: NOITE TURMA: 8a.SÉRIE  
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: EDUARDO GALDINO DA SILVA  
PROFESSORA DA DISCIPLINA: MARIA DALVA SOARES**

\* OBJETIVO GERAL - Analisar as transformações ocorridas a partir da Europa do século XV até os dias de hoje, levando em consideração os projetos de modernização da sociedade pautadas no progresso técnico, assim como o instaurar de uma nova forma de pensar e agir por parte do homem.

\*CONTEÚDO PROGRAMÁTICO.

## I UNIDADE

### 1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.

- Proporcionar reflexões acerca da construção do conceito de “renascimento”, enquanto negação do medievo e gestação de um novo tempo.
- Discutir a expansão ultramarina europeia, enquanto produto do desenvolvimento técnico, do redimensionamento do espaço na construção da modernidade ocidental.
- Analisar a inquietação do pensamento do homem moderno a partir da contestação à Igreja católica.

### 2. CONTEÚDOS.

- Renascimento.
- As descobertas geográficas.
- As Reformas religiosas.

## II UNIDADE

### 1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.

- Analisar a centralização dos estados nacionais europeus como mais um elemento de reafirmação do projeto de construção da modernidade ocidental.
- Analisar o pensamento ilustrado, florescente na Europa do século XVIII, a partir da inquietação da burguesia ascendente na perspectiva de produzir uma sociedade burguesa mais racional e humana.



- Discutir o processo de industrialização da Europa e as revoluções burguesas eclodidas a partir do século XVIII que redimensionaram o pensar e o agir humanos.

## 2. CONTEÚDOS

- A formação das monarquias nacionais.
- O pensamento ilustrado.
- As Revoluções
  - Americana;
  - Francesa;
  - Industrial;
  - 1848.
- O Socialismo.

## III UNIDADE

### 1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Proporcionar reflexões acerca da hegemonia britânica no século XIX, na perspectiva de discutir a internacionalização do capitalismo.
- Analisar a independência das nações latino-americanas como fruto da circulação das idéias de Liberdade e da internacionalização das relações comerciais.
- Discutir a formação dos grandes impérios modernos, levando em consideração principalmente as novas necessidades destes, na implementação dos projetos de expansão capitalista, enfocando também os choques de interesses.
- Analisar o primeiro grande conflito mundial na perspectiva de discutir a internacionalização das relações em uma sociedade pautada no progresso técnico-científico.
- Discutir a Revolução Russa enquanto alternativa do pensar e agir humanos no século XX.
- Discutir o período entreguerras como um contexto de crise, recuperação e expansão das grandes potências mundiais, enfocando os radicalismos políticos de esquerda e direita.

## 2. CONTEÚDOS

- A Era Vitoriana.
- A independência das nações latino-americanas.
- O Imperialismo moderno.
- Primeira guerra mundial.
- Revolução russa.
- Crise do capitalismo liberal.
- O nazi-fascismo.
- A ditadura Stalinista.

## IV UNIDADE

### 1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar a II Guerra Mundial como fruto dos radicalismos políticos e dos choques de interesses.
- Discutir o mundo pós-guerra balizado nos dois projetos vencedores no mencionado evento.
- Discutir sobre o medo enquanto agente ativo no cotidiano da guerra fria.
- Refletir acerca dos grupos minoritários na luta pela preservação dos direitos humanos e da natureza.
- Problematizar as transformações ocorridas neste fim de século a partir do desmoronamento do mundo socialista e a aparente vitória do projeto capitalista.

### 2. CONTEÚDOS

- Segunda Guerra Mundial.
- Expansão do Socialismo.
- Movimentos
  - Feminista;
  - Negro;
  - Ecológico;
  - Homossexual;
- A queda do muro de Berlim.
- O fim da U.R.S.S.
- O mundo capitalista em blocos: A globalização.



### \* METODOLOGIA

- Aula expositivo-dialogada, com discussões a partir da problematização dos recursos didáticos utilizados na disciplina.

### \* RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro e giz, vídeos, livro didático, quadrinhos, charges, textos-resumos... com a perspectiva de enfatizar aos alunos as diversas formas de produzir/discutir o saber histórico.

### \* AVALIACÃO

- Será feita de forma contínua a partir do envolvimento do aluno no conjunto da disciplina.

### \* REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AQUINO, Rubim Santos Leão de. [et al]. História das Sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais. Rio de Janeiro: Ao li vro técnico, 1988.

MOTA, Carlos Guilherme. LOPEZ, Adriana. História e Civilização. São Paulo: Ática, 1996.

PEDRO, Antônio. A Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Ática, 1986. ( Coleção Discutindo a História)

## **PLANO DE AULA**

**8a. SÉRIE DATA: 11 / 11 / 1997.**

**1 AULA DURAÇÃO: 50 MINUTOS**

**TÍTULO: “NUMA GUERRA HÁ MUITO MAIS DO QUE TIROS”.**

### **1. OBJETIVOS**

- Evidenciar aspectos políticos e econômicos por trás dos conflitos armados.
- Discutir a guerra como instrumento de ascensão política e econômica.

### **2. CONTEÚDO**

- Segunda Guerra Mundial.

### **3. METODOLOGIA**

- Discussão a partir das imagens da guerra.

### **4. RECURSOS DIDÁTICOS**

- Quadro e giz.
- Televisor e vídeo.

### **5. AVALIAÇÃO**

- Pelo envolvimento efetivo dos alunos em sala.

### **6. REFERÊNCIA ( BIBLIOGRÁFICA E ICONOGRÁFICA)**

- Documentário I e II guerras mundiais. Videopédia Barsa Vídeo. São Paulo. ( 29minutos. P&B).
- PEDRO, Antônio. A Segunda Guerra mundial. São Paulo:Ática,1986.



## **PLANO DE AULA**

**8a. SÉRIE DATA: 17/11/1997**

**2 AULAS DURAÇÃO: 1h40min.**

### **TITULO: “NO TOPO DO MUNDO DUAS SUPERPOTÊNCIAS”.**

#### **1. OBJETIVOS**

- Discutir os projetos de modernização da sociedade a partir dos resultados da II Grande guerra.
- Analisar a tensão de um mundo bipolar entre as duas superpotências do pós guerra.

#### **2. CONTEÚDO**

- O avanço do bloco socialista.
- As novas estratégias do capitalismo.
- A Guerra fria.

#### **3. METODOLOGIA**

- Aula expositivo - dialogada.

#### **4. RECURSOS DIDÁTICOS**

- Quadro e giz.
- Mapas.

#### **5. AVALIAÇÃO**

- Pelo envolvimento efetivo dos alunos nas atividades.

#### **6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

AQUINO, Rubin S. L. de.[et. al]. História das Sociedades. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1988.

MOTA, Carlos Guilherme. LOPEZ, Adriana. História e Civilização. São Paulo: Ática, 199

## **PLANO DE AULA**

**8a. SÉRIE DATA: 01/ 12/ 1997.**

**2 AULAS DURAÇÃO: 1h40min.**

### **TÍTULO: “E O MUNDO MANCHA-SE DE VERMELHO”**

#### **1. OBJETIVO**

-Analisar a expansão do Socialismo no pós guerra, enfatizando os casos chinês e cubano.

#### **2. CONTEÚDO**

- Revoluções

Chinesa de 1949

Cubana de 1959.

#### **3. METODOLOGIA**

- Aula expositivo- dialogada.

#### **4. RECURSOS DIDÁTICOS**

- Quadro e giz.

#### **5. AVALIAÇÃO**

- A partir do envolvimento dos alunos em sala de aula.

#### **6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

MOTA, Carlos Guilherme. LOPEZ, Adriana. História e Civilização:  
São Paulo: Ática, 1996.



## **PLANO DE AULA**

**8a. SÉRIE DATA: 02/ 12/ 1997.**

**1 AULA DURAÇÃO: 50 minutos.**

### **TÍTULO: “O MUNDO NO PÓS-GUERRA”**

#### **1. OBJETIVO**

- Discutir acerca dos aspectos evidenciados no mundo pós-1945, enfatizando a bipolarização e o avanço do socialismo.

#### **2. CONTEÚDO**

- E.U.A. x U.R.S.S.
- Cuba e China.

#### **3. METODOLOGIA**

- Aula expositiva.
- Produção de textos por parte dos alunos.

#### **4. RECURSOS DIDÁTICOS**

- Quadro e giz.
- Mapas.

#### **5. AVALIAÇÃO**

- Produzir um texto a partir das discussões realizadas acerca do mundo bipolar no pós-guerra.

#### **6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

MOTA, Carlos Guilherme. LOPEZ, Adriana. História e Civilização. São Paulo: Ática, 1996.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO  
COORDENADORA DA PRÁTICA: ERONIDES CÂMARA DONATO  
PROFESSOR ORIENTADOR: JOSÉ BENJAMIN MONTENEGRO  
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: EDUARDO GALDINO DA SILVA.**

## **PLANEJAMENTO DE ENSINO**

**ESTABELECIMENTO: ESCOLA ESTADUAL DE 1o. e 2o. GRAUS  
SEVERINO CABRAL  
DISCIPLINA: HISTÓRIA TURNO: NOITE TURMA: 1o.ANO  
PROFESSOR ESTAGIÁRIO: EDUARDO GALDINO DA SILVA  
PROFESSORA DA DISCIPLINA: MARIA DALVA SOARES.**



\*OBJETIVO GERAL - Discutir a organização em sociedade por parte do homem desde o seu surgimento até a final da chamada antiguidade, analisando desde as chamadas formas primitivas de organização até as complexas sociedades orientais e ocidentais.

\*CONTEÚDO PROGRAMÁTICO.

## I UNIDADE

### 1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir as teses que enfocam o surgimento da vida na terra.
- Problematizar o discurso científico da evolução humana.
- Refletir acerca da chamada “pré história” com relação a incipiente organização em sociedade.

### 2. CONTEÚDO

- O surgimento do homem.
- Da pré história a história.

## II UNIDADE

### 1. OBJETIVO ESPECÍFICO

- Analisar as sociedades do extremo oriente, discutindo a estrutura social e a imponência cultural das mesmas.

### 2. CONTEÚDO

- A China.
- O Japão.
- A Índia.

### III UNIDADE

#### 1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar as civilizações do Oriente médio fundamentando-se nas organizações sociais das mesmas.
- Discutir as semelhanças e as especificidades, além das influências que estas sociedades exerceram no construir das sociedades ocidentais.

#### 2. CONTEÚDO

- O Egito antigo.
- A Mesopotâmia.
- O Império persa.
- Os fenícios.
- Os hebreus.

### IV UNIDADE

#### 1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Refletir acerca da construção e estruturação das sociedades greco-romana.
- Analisar as inúmeras contribuições do mundo greco-romano nas sociedades atuais.

#### 2. CONTEÚDO

- As sociedades grega e romana.

#### \* METODOLOGIA

- Aula expositivo-dialogada com discussões a partir da problematização dos temas em sala.

#### \* RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro e giz.
- Vídeos.
- Livros didáticos e paradidáticos



.- Quadrinhos.

\* AVALIAÇÃO

- Será feita de forma contínua a partir do envolvimento do aluno no conjunto da disciplina.

\* REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOULOS Jr., Alfredo. História Geral. São Paulo: FTD, 1997.

CÁCERES, Florival. História Geral. São Paulo: Moderna, 1988.

COTRIM, Gilberto. História e Reflexão. São Paulo: Saraiva, 1996.

MOTA, Carlos G. LOPEZ, Adriana. História e Civilização. São Paulo: Ática, 1996.

## **PLANO DE AULA**

**1o. ANO DATA: 13/ 11/ 1997.**

**2 AULAS DURAÇÃO: 1h40min.**

### **TÍTULO: “NA GRÉCIA PLANTOU-SE O OCIDENTE”**

#### **1. OBJETIVOS**

- Discutir a sociedade grega como um fenômeno de “longa duração”.
- Expor a tradicional periodização do mundo grego.
- Analisar a estrutura sócio-econômica da sociedade ateniense.
- Refletir acerca da influência da cultura grega nas sociedades ocidentais

#### **2. CONTEÚDO**

- A Grécia na antiguidade.

#### **3. METODOLOGIA**

- Aula expositivo-dialogada com tema gerador (Olimpíadas).

#### **4. RECURSOS DIDÁTICOS**

- Quadro e giz.

#### **5. AVALIAÇÃO**

- Contínua, a partir do envolvimento do aluno.

#### **6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

BOULOS Jr., Alfredo. História Geral. São Paulo: FTD, 1997.

MOTA, Carlos G. LOPEZ, Adriana. História e Civilização. S.P.: Ática, 1996.



## **PLANO DE AULA**

**1o. ANO DATA: 20/ 11/ 1997**

**2 AULAS DURAÇÃO: 1h40min.**

### **TÍTULO: “E NO UMBIGO DO MUNDO, ROMA”**

#### **1. OBJETIVOS**

- Discutir a civilização romana a partir da influência sofrida pela sociedade grega.
- Analisar a sociedade romana tendo como parâmetro a religiosidade, enfocando o paganismo e o cristianismo.
- Evidenciar algumas importantes contribuições romanas às sociedades ocidentais.

#### **2. CONTEÚDO**

- Roma antiga.

#### **3. METODOLOGIA**

- Aula expositivo-dialogada.

#### **4. RECURSOS DIDÁTICOS**

- Quadro e giz.
- Mapa da civilização romana.

#### **5. AVALIAÇÃO**

- Contínua, a partir do envolvimento dos alunos.

#### **6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

BOULOS Jr., Alfredo. História Geral. São Paulo: FTD, 1997.

CÁCERES, Florival. História Geral. S. Paulo: Moderna, 1988.

COTRIM, Gilberto. História e reflexão. S.Paulo: Saraiva, 1996.



## **PLANO DE AULA**

**1o. ANO DATA: 27/ 11/ 1997**

**2 AULAS DURAÇÃO: 1h40min.**

### **TÍTULO: “O MUNDO GRECO-ROMANO”**

#### **1. OBJETIVO**

- Proporcionar a discussão acerca dos aspectos evidenciados sobre as civilizações grega e romana.

#### **2. CONTEÚDO**

- Civilizações greco-romana.

#### **3. METODOLOGIA**

- Aula expositiva e produção de texto pelos alunos.

#### **4. RECURSO DIDÁTICO**

- Quadro e giz.

#### **5. AVALIAÇÃO**

- Produzir um texto a partir das discussões realizadas acerca das sociedades grega e romana.

#### **6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

BOULOS Jr., Alfredo. História Geral. São Paulo: FTD, 1997.  
CÁCERES, Florival. História Geral. S. Paulo: Moderna, 1988.

## PARECER DO ORIENTADOR:

O presente relatório expressa com inequívoca fidelidade a desenvolvida atuação do Estagiário: Eduardo Galdino da Silva na disciplina prática de Ensino de História, -tanto do ponto de vista organizativo (cumprimento de carga horária, planejamento das aulas, utilização de recursos metodológicos etc.) o aluno houve-se muito bem o que não constitui surpresa para os que conheceram sua trajetória no Curso de História. Face ao exposto e como é necessária uma avaliação que seja contabilizada em forma de números, a nota que atribuímos como orientador é Nove e meio = (9,5).

Campina Grande, 16 de Dezembro de 1992

José Benjamim Montenegro  
Orientador.